



O Movimento Hare Krishna em Pernambuco (1973-1996)

Leon Adan G. de Carvalho¹

Contextualizando

O presente ensaio, surgiu como um desdobramento de nossa pesquisa sobre o Movimento Hare Krishna em Pernambuco ainda em andamento. Faremos, pois, uma contextualização do tema que, ao meio acadêmico, bem como à sociedade, parece ser relativamente novo ou ao menos desconhecido em sua profundidade.

A Sociedade Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON – *International Society for Krishna Consciousness*), fundada em 1966 nos Estados Unidos pelo *guru* indiano A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (1896-1977), pode ser considerada como um dos *novos movimentos religiosos* que foram inseridos no Ocidente no contexto das profundas modificações culturais, políticas, sociais e religiosas dos anos 1960 e 1970.

A filosofia e teologia da ISKCON está ligada (não sem adaptações) a uma das principais vertentes do Hinduísmo, o Vaishnavismo. O Vaishnavismo é uma linha de cunho teísta, onde *Vishnu* ou *Krishna* (ou qualquer de suas formas ou encarnações) é a divindade pessoal, suprema e adorável para o seu devoto e que se constitui como a realidade última, sendo onipotente, onisciente e onipenetrante.

Mais especificamente, a ISKCON está alinhada com o Vaishnavismo Gaudiya, surgido no início do século XVI com *Sri Chaitanya Mahaprabhu* (1486-1534) e seus seguidores. O *Movimento de Sankirtana*, como foi chamado o movimento de Chaitanya, teve relativa influencia dentro do vaishnavismo entre os séculos XVI e XVII entrando em franco declínio e contando somente com alguns poucos gurus influentes. Em fins do século XIX e início do XX, o Vaishnavismo Gaudiya toma um novo impulso com Bhaktivinodha Thakura (1838-1914) e, depois dele, com Bhaktisidhanta

¹ Mestrando em História Social da Cultura Regional pela UFRPE. O autor desenvolve pesquisa sobre o tema do artigo orientado pela professora doutora Maria Ângela de Faria Grillo.



Sarasvati (1874-1937) que tentam realizar um resgate do Vaishnavismo Gaudiya, de sua história, seus ensinamentos, livros e lugares sagrados. Bhaktisidhanta Sarasvati funda então a *Gaudiya Math* que se constituiu como primeira instituição formalmente constituída para o Vaishnavismo Gaudiya, tendo em 1937, 64 centros na Índia e publicando três jornais diários sobre seu movimento. É com Bhaktisidhanta Sarasvati que se iniciam as primeiras tentativas de expandir o vaishnavismo no mundo ocidental, mas foi o seu discípulo, Bhaktivedanta Swami Prabhupada (já com 70 anos) quem de fato cruzou os mares e instituiu a ISKCON em Nova Iorque no ano de 1966, na tentativa de satisfazer o desejo de seu mestre².

Durante o período que esteve no Ocidente na tentativa de instituir sua sociedade (1965-1977), Prabhupada de fato conseguiu obter visibilidade numa sociedade muitas vezes hostil às práticas não-cristãs. Sua influência passou a se fazer em outro ambiente, o da Contracultura, que já se mostrava favorável às práticas espiritualistas indianas como meditação, yoga e o misticismo. Dessa forma, os primeiros seguidores de Prabhupada passaram a difundir seu trabalho missionário levando seu movimento a varias cidades dos Estados Unidos, Canadá, Europa, América Latina, África e de volta à Índia.

A ISKCON acabou por ser popularizada com o nome de Movimento Hare Krishna, devido a prática de seus membros que publicamente (como no Movimento de Sankirtan de Sri Chaitanya) cantavam pública e constantemente o *Mantra Hare Krishna*³ nas ruas dos principais centros urbanos do Ocidente. Esta prática foi o grande cartão de visitas do Movimento, tendo como consequência a fabricação de muitas das *representações*⁴ sobre o Movimento e seus membros por onde passavam.

² Cf. BRZEZINSKI, Jan. Charismatic renewal and institutionalization in the history of Gaudiya Vaishnavism and the Gaudiya Math. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M. L. (org). **The Hare Krishna movement: the postcharismatic fate of a religious transplant**. New York: Columbia University Press, pp. 73-96.

³ “Hare Krishna Hare Krishna, Krishna Krishna Hare Hare, Hare Rama Hare Rama, Rama Rama Hare Hare”.

⁴ Utilizamos aqui, o conceito de representações tal como pensado por Roger Chartier, pois para o historiador, a análise das representações coletivas nos permite visualizar como os diferentes atores sociais traduzem suas posições e interesses objetivamente confrontados, descrevendo paralelamente a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que



Outra prática incentivada por Prabhupada aos seus discípulos era a distribuição e venda de livretos e revistas que continham artigos e palestras de Prabhupada sobre a filosofia e teologia vaishnava. Enquanto esteve no Ocidente, Prabhupada escreveu dezenas de volumes de livros – traduzindo alguns dos principais clássicos da literatura védica seguido pelos Vaishnavas Gaudiya⁵, deu inúmeras conferências e ministrava aulas diariamente em seus templos. Assim, além da difusão de seus ensinamentos pelo meio da distribuição dos livros, a prática era a principal (e muitas vezes) única fonte de renda dos monges e templos instituídos pelo mundo.

Além disso, a distribuição gratuita de alimentos e difusão do vegetarianismo nas ruas das cidades era uma prática marcante do Movimento Hare Krishna e um estimulante cartão de visitas aos seus centros que, tradicionalmente, ofereciam alimentação gratuita em seus festivais. Muitas das representações sobre o Movimento Hare Krishna envolvem sua alimentação característica de inspiração indiana.

ISKCON em Pernambuco

No Brasil foi em 1973, antes mesmo de ser instituída oficialmente a ISKCON (o que só ocorreria em 1975 em São Paulo) que alguns membros do Movimento Hare Krishna (americanos que viviam no Havaí) fizeram suas primeiras tentativas de introduzir o Movimento no Brasil. Os “havaianos” conseguiram formar pequenos grupos de simpatizantes divididos em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife/Olinda, a partir do ano de sua chegada, 1973.

Entre o final de 1973 até a segunda metade de 1974, um casal de americanos, junto com um dos primeiros “adeptos” de São Paulo, chegou ao Recife com o intuito de inserir o Movimento Hare Krishna na cidade. Um deles teria declarado que, ao tentar iniciar suas atividades (canto e distribuição de

fosse. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Algés: DIFEL, 2002, p. 19.

⁵ São eles: A *Bhagavad Gita*, o *Bhagavata Purana* (também conhecido como *Srimad Bhagavatam*), o *Sri Caitanya Caritamrta* (a principal biografia de Chaitanya) e alguns dos principais livros dos *Goswamis* de Vrindavana (reconhecidos como os principais seguidores de Chaitanya que viveram entre os séculos XVI e XVII).



livros) em 1973 na cidade (no contexto dos “anos de chumbo” da ditadura militar), eles foram proibidos pela polícia de exercer suas atividades naquela cidade e, dessa forma, astuciosamente, se instalaram na cidade vizinha, Olinda, no Bairro Novo, como forma de continuar o plano de formar ali um grupo de membros Hare Krishna.

Tendo em vista a proibição de exercer livremente a venda de livros, que na época seria a principal forma adotada para atrair seguidores para o Movimento, mas, principalmente, a forma de manter os missionários que visavam se instalar em uma cidade, o pequeno grupo (composto do casal americano, três paulistas e os primeiros simpatizantes do Recife) faz uma tentativa de instituir no início de 1974, um “restaurante místico”⁶ em Olinda, o *Sunshine Health Food* que, paralelo a suas atividades, desenvolvia uma “programação espiritual” diária convidando a qualquer pessoa da região a comparecer e a participar. Tendo em vista uma clara falta de recursos e investimentos, o restaurante não prosperou e, aliado a um problema administrativo, o grupo acabou por se desfazer. Em 1974, devido a dissidências internas com a administração da ISKCON, o grupo dos “havaianos” vai embora do Brasil, deixando os primeiros Hare Krishna do país sem uma liderança. Uma parte dos “sobreviventes” de Olinda/Recife e Salvador fizeram intercâmbio com os devotos que restaram no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Em 1974, devotos de Salvador enviam uma carta à Prabhupada solicitando sua vinda ao Brasil para conhecer os devotos locais ao que este teria respondido que iria mandar um representante seu em breve. Assim, Prabhupada nomeou Hridayananda Das Goswami (mais conhecido como Acharyadeva) como responsável administrativo pela ISKCON na América Latina. No início de 1975, Acharyadeva envia o canadense Mahavira Das para reunir os devotos locais e instituir formalmente a ISKCON. Assim, em 28 de fevereiro de 1975 foi assinada a ata de constituição da ISKCON do Brasil⁷ e aberto o templo de São Paulo, o primeiro templo oficial da ISKCON no Brasil.

⁶ Como diria o Diário de Pernambuco (Recife), 26/06/1974.

⁷ Conforme documento disponível no acervo da ISKCON Norte/Nordeste em Caruaru-PE.



Todavia, a maior parte dos poucos simpatizantes ou devotos de Krishna de Recife e Olinda não tiveram mais contato com outros devotos, mas mantiveram de alguma forma reuniões nas casas de seus próprios membros, durante o período de 1974 a 1977. O mês de novembro de 1977, marcaria a morte do fundador do Movimento Hare Krishna, Bhaktivedanta Swami Prabhupada, causando grande comoção entre seus seguidores em todo o mundo. Foi neste mesmo período de Acharyadeva, como autoridade para ISKCON no Brasil enviou Jagad Vichitra Das, um jovem baiano que vinha se destacando no trabalho missionário, para abrir um templo na cidade de Recife.

Assim, no início de 1978, foi instituída a ISKCON no Recife, na Rua Engenheiro Leonardo Arcoverde, 211 na Madalena, uma pequena rua próximo à Av. Caxangá e a Rua José Osório. Aqui nos cabe relatar pequenas táticas utilizadas pela administração da ISKCON Recife para fazer com que sua instalação não sofresse dos mesmos reveses de outrora.

Em uma carta enviada ao “Ilmo. Sr. Dr. Delegado da Delegacia de Costumes”, o “Diretor Presidente” da ISKCON em Recife, Jagad Vichitra Das, comunicava “mui respeitosamente” a abertura do Templo na Madalena, encaminhando em anexo Ata de Constituição da Sociedade, Estatutos, Ata de Assembléia Geral, Inscrição na Fazenda, Decisão (favorável) do Poder Judiciário da Vara de Menores da Comarca de São Paulo, um folheto explicativo sobre “Introdução ao Hinduísmo” e um “Parecer de várias personalidades intelectuais, internacionais e nacionais”, além, da citação de um processo em tramitação no Ministério da Previdência Social que enquadraria os devotos como contribuintes “religiosos” e solicitando uma “Certidão de regularidade de funcionamento” para que fosse registrado em “Cartório de Títulos e Documentos”⁸.

Neste documento, podemos perceber a maneira como os devotos de Krishna desejavam instituir a ISKCON em Recife, construindo um diálogo em um tom não somente formal, mas também lisonjeiro, apelando para que sua sociedade pudesse ser instalada sem problemas na cidade, tendo em vista

⁸ Documento datado de 22 de março de 1978, acervo da ISKCON do Norte/Nordeste, Caruaru-PE.



uma considerável chance de ser repreendida pelas autoridades. Alguns detalhes são bastante relevantes: a tentativa de se instalar com alguma referência e de construir uma imagem longe dos grilhões do termo “seita”. Um “parecer de várias personalidades intelectuais” seria um forte argumento para que as autoridades policiais soubessem que este Movimento estaria referendado pela intelectualidade brasileira e que possíveis boatos depreciativos não condiriam com a “verdade” (ao menos a “intelectual”). Uma introdução ao “Hinduísmo” talvez tivesse a intenção de estabelecer um contexto diferente daquele revelado por boa parte dos jornais ao ressaltar os aspectos “estranhos”, “exóticos” ou “polêmicos” da “seita”.

A década de 1980 marcaria a solidificação, a expansão e o auge do Movimento Hare Krishna em Pernambuco e no Brasil. A partir de articulações da ISKCON Recife, outros templos do Norte e Nordeste foram abertos e a equipe de distribuição de livros do templo local tornou-se uma das mais bem sucedidas do Brasil, fazendo com que o Templo de Recife ganhasse o apelido interno de “A galinha dos ovos de ouro da ISKCON”. No início de 1980, o templo do Recife foi transferido para o “nobre” bairro de Casa Forte, em um sobrado na Avenida 17 de Agosto. Neste espaço, o Movimento Hare Krishna parece ter vivido seus tempos “áureos” no Recife, mas não sem contragostos.

O Movimento Hare Krishna passou a ter mais membros internos, os monges e seus trabalhos missionários nas ruas – e mais visibilidade, tendo como consequência mais estranhamento, difamações e disputas por *poderes simbólicos*⁹ no “mercado religioso” da cidade. Os jornais passaram a taxar o Movimento Hare Krishna de “seita” de uma forma claramente pejorativa e, por este motivo, a agrupar o Hare Krishna junto com outros grupos plenamente antagônicos em filosofia, tradição e objetivos como a *Igreja da Unificação* (do reverendo Moon), os *Meninos de Deus*, o *Templo do Povo* (de Jin Jones) e a *gurus* como *Rajneesh*, e algumas vezes, junto com supostas “seitas” cristãs, como as *Testemunhas de Jeová* e *Adventistas do Sétimo Dia* ou ainda às “seitas espíritas”, como a *Umbanda*. A inclusão de todos esses

⁹ Cf. BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, *passim*.



grupos em um só “pacote” tinha o objetivo claro de evidenciar toda uma leva de movimentos religiosos surgidos (alguns há muitos anos) e diferenciá-los da religião cristã, mais especificamente a religião católica, pelos discursos conservadores.

Essa atitude por parte das mídias de mistura e inclusão de universos ideológicos essencialmente diversos em uma só categoria, a de “seita”, também tinha o objetivo de confundir, mais do que informar ao seu público leitor a respeito das novas formas e demandas espirituais da sociedade entre as décadas de 1960 e 1980. A própria diferenciação pelos termos “religião” e “seita” era um convite a todos aqueles que seguindo uma “religião” (com todo o seu contrato auto implícito de autenticidade do conceito) deveriam renegar as “seitas” ou ao menos se lamentar ou buscar entender porque tantos jovens estavam buscando esses movimentos “alienantes” que estavam produzindo uma verdadeira “lavagem cerebral” na “desencaminhada” juventude da época.

O conceito de “seita” vem sido bastante discutido e reavaliado pelas ciências sociais¹⁰. Segundo Cristian Parker “seria incongruente, por exemplo, considerar como ‘seita’ (um conceito derivado do de igreja) expressões de religiões orientais em países ocidentais, como de fato se fez amiúde com movimentos como o Hare Krishna”¹¹.

O Movimento Hare Krishna, durante toda a década de 1980, passou por diversas movimentações “contrárias”, advindas das reportagens e das colunas de opinião de jornais, de pais insatisfeitos que gostariam de reaver seus filhos que adentravam às fileiras do Movimento Hare Krishna, e que acusavam o Hare Krishna de “lavagem cerebral”¹² ou de outros grupos

¹⁰ Maria Júlia Carozzi fez uma reavaliação das discussões dos anos 1970, 1980 e início dos 1990 e percebeu que os pesquisadores acabaram abandonando expressões como “seita” e adotando a expressão “novos movimentos religiosos”, considerada “mais genérica e menos carregada valorativamente”. CAROZZI, Maria Júlia. Tendências no estudo dos novos movimentos religiosos na América: os últimos 20 anos. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais—BIB**, v. 37, 1994, pp. 61-78.

¹¹ PARKER, C. Seita: um conceito problemático para o estudo dos novos movimentos religiosos na América Latina. In: CIPRIANI, R; ELETA, P; NESTI, A. (org.). **Identidade e mudança na religiosidade latino-americana**. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 89.

¹² Sobre este tema, a edição do Diário de Pernambuco (Recife), 15/01/1984, trazia o drama de uma mãe que não conseguiu fazer com que sua filha (maior de idade) desistisse de morar no Templo Hare Krishna, e acusava o Movimento de “lavagem cerebral” e que alertava a



religiosos que temiam uma perda ou desvio de seus jovens para este Movimento que tinha bastante visibilidade no período¹³.

É importante frisar que, apesar da visibilidade que astuciosamente a ISKCON conseguiu dar ao seu movimento (sendo, de fato, bastante específica) a quantidade de membros nos diferentes templos do mundo nunca fora realmente expressiva, e em Pernambuco isso não foi diferente¹⁴. Podemos afirmar que essa pequena quantidade de membros internos nos templos Hare Krishna, se dava pela exigência de um padrão monástico que muitos não conseguiam alcançar ou seguir durante longo tempo¹⁵. A forte centralização administrativa representativa na figura do “Presidente de Templo” também se constituía em fator de constantes tensões internas, além de uma forte e “auto implícita” respeitabilidade hierárquica que os monges e monjas deveriam seguir para com seus pares mais antigos em monastério.

Em meados da década de 1980, a administração da ISKCON no Nordeste sentia a necessidade de fornecer aos seus membros uma comunidade rural, a fim de estabelecer o princípio de “vida simples, pensamento elevado” difundido por Prabhupada aos seus seguidores. Foi então que se iniciou toda uma articulação regional para a compra de uma terra na Serra dos Cavalos em Caruaru-PE, uma região de brejo de altitude cercada por uma densa floresta ao lado do Parque Municipal João Vasconcelos Sobrinho. Assim, em 1987, foi fundada a *Fazenda Nova Vraja Dhama* que deveria abrigar monges de todo Norte e Nordeste e as famílias

sociedade e para que não houvesse mais “moças ingênuas fanatizadas e despersonalizadas trabalhando para Krisna”.

¹³ Cf. CARVALHO, Leon A. G. de. *Uma movimentação estranha na Capital do Agreste: A história do Movimento Hare Krishna na cidade de Caruaru-PE (1986-2013)*. Monografia (Especialização em História). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, Caruaru, 2014, pp. 66-68.

¹⁴ Seriam 20 monges e monjas morando no templo em 1980, segundo reportagem de Fernanda d’Oliveira, *Diário de Pernambuco*, 30/04/1980.

¹⁵ Os monges poderiam ser celibatários ou casados, mas todos deveriam seguir os quatro princípios básicos: aderir a dieta lacto-vegetariana, não consumir tipo algum de substâncias intoxicantes (drogas), não jogar jogos de azar e não cometer “sexo ilícito”. O sexo seria estritamente proibido para os celibatários e os monges casados só poderiam ter relações “para fins de procriação”. Para os casados que não viviam o estilo de vida monástico, que viviam em templos ou comunidades, este princípio se resumia a “não fazer sexo fora do casamento”.



desejosas de se instalar em uma comunidade rural que tinha a pretensão se tornar autossustentável¹⁶.

Dessa maneira, a Fazenda Nova Vraja Dhama passou a desenvolver um programa de agricultura orgânica desde os seus primeiros dias de desenvolvimento e, no início dos anos 1990, foi fundada a Escola Prabhupada – em parceria com a Prefeitura Municipal de Caruaru – para que os filhos dos membros da Fazenda e da comunidade do em torno pudessem estudar sem precisar se deslocar até o centro da cidade que ficava distante cerca de 17 quilômetros. Com a oferta de alimentação e educação (além de muito trabalho e atividades missionárias) muitos monges da região foram atraídos para a comunidade rural fazendo com que Nova Vraja Dhama se tornasse, de fato, em sede da ISKCON no Norte e Nordeste do Brasil, desenvolvendo um intenso intercâmbio entre os outros templos do Nordeste. Os outros templos passaram a ser subordinados administrativamente a Fazenda Nova Vraja Dhama que passou a incentivar e captar novos membros das cidades para uma experiência de vida no campo.

Não sem conflitos se deu a inserção do Movimento Hare Krishna também no cenário urbano de Caruaru. O estranhamento e o “impacto visual” que seus membros causavam em muitos caruaruenses foram relatados no principal periódico da cidade, o Jornal Vanguarda. Havia um mistério e muitos boatos circulavam na cidade sobre a comunidade Hare Krishna situada na zona rural da cidade. Mas, de fato, não somente conflitos, senão encantos também se desenrolaram quando membros da sociedade caruaruense passaram a visitar a comunidade e a desmentir determinados rumores que circulavam na cidade. Uma reportagem do Jornal Vanguarda, de 28 de julho a 03 de agosto de 1990, queria desconstruir representações que já circulavam na cidade após três anos da chegada do Movimento:

“Ao contrário do que possa parecer a qualquer ocidental cristão, eles vivem sempre em contato com o mundo, são bem humorados e sempre dispostos a fazer novas amizades. Desde que chegaram em Caruaru, há mais de três anos, os caruaruenses estranhavam quando viam os devotos passando pelas ruas em seus açafreiros [roupas de cor açafreada], tocando os instrumentos e cantando o Mahamantra. Até hoje, apesar de toda a divulgação da fazenda, muita gente não

¹⁶ Cf. CARVALHO, *op. cit.*, pp. 39-45.



conhece a comunidade e existem muitos preconceitos em relação à vida dos devotos - há quem diga que lá é um foco de maconheiros, que as pessoas que visitam a fazenda acabam alienadas e tantas outras histórias são criadas em torno da comunidade de Nova Vraja Dhama”.

Com descrições como esta, podemos entender um pouco melhor sobre a circularidade de imagens, representações e conflitos simbólicos que se perpetuavam no palco da sociedade caruaruense da época.

O Movimento Hare Krishna em Caruaru viveu seu apogeu no início dos anos 1990, alcançando talvez, em termos proporcionais, uma projeção local ainda maior do que o movimento na sociedade recifense. Em 1994, em meio aos preparativos para a celebração do centenário de Prabhupada (1996), o “*Padayatra: caminhando e cantando contra a fome e a violência*”, uma grande procissão a pé que durava vários dias, se constituiu como um grande meio de divulgação do Movimento Hare Krishna e de seu fundador em Caruaru e cidades próximas. Neste evento, os devotos de Krishna faziam uma caminhada em direção ao teatro de Nova Jerusalém, na semana santa, cantando, distribuição diariamente alimentação vegetariana, realizando peças de teatro e distribuindo panfletos e livros e divulgando sua doutrina. Este mesmo programa foi executado nos anos seguintes até 1997.

Todavia, apesar desses eventos que, aparentemente, impulsionaram positivamente o Movimento Hare Krishna, os anos 1990 se caracterizaram como ano de grandes dificuldades internas para a ISKCON. Muitos monges não conseguiram mais se manter apenas da venda de livros e os templos passaram a ter sérias dificuldades financeiras, fazendo com que muitos fechassem suas portas. Em Recife, as casas que serviram de templo, localizadas em bairros nobres da cidade, foram trocadas por casas mais modestas por falta de receitas que custeassem os altos preços dos aluguéis. Em Caruaru, após o ano de 1996, muitos monges, principalmente os casados, se mudaram da Fazenda Nova Vraja Dhama, em busca de atividades mais rentáveis e muitos abandonaram a vida monástica, se inserindo na sociedade secular.

Observando possíveis motivos para uma *curva* do Movimento Hare Krishna em meados dos anos 1990, podemos perceber que alguns foram determinantes: a decadência dos efeitos da Contracultura que se fazia notar



desde a década de 1980, fazendo com que propostas alternativas de vida “saíssem de moda” e assim, o número de novos membros na ISKCON diminuiu consideravelmente; o avanço do neoliberalismo como sistema hegemônico no mundo pós 1989 tornou inviável a frágil manutenção dos monges e dos templos, baseada no trabalho de venda de livros diante de um contexto socioeconômico altamente competitivo e exigente; a tradicional centralização administrativa dentro da ISKCON foi se tornando obsoleta e ineficiente para resolver suas demandas internas e externas.

Dessa forma, o ano de 1996, o ano do centenário de Prabhupada, o qual a ISKCON mundial realizou esforços hercúleos para manter sua coesão e organizar uma série de eventos mundiais para uma maior difusão da figura de seu fundador, parece ter sido o momento divisor de águas para a ISKCON já que, após as comemorações do centenário de Prabhupada, tornou-se evidente a insustentabilidade da estrutura administrativa, financeira e social do Movimento Hare Krishna diante das novas demandas políticas, econômicas e sociais do mundo globalizado.

Diante de um quadro de franco declínio, a ISKCON ao mesmo tempo em que tentava ainda manter sem sucesso o *modelo original* – caracterizado por seus paradigmas tradicionais de atuação, fazia uma reavaliação de sua conjuntura, procurando soluções para manter a sua plausibilidade e existência no quadro geral da oferta religiosa em disposição na sociedade como um todo¹⁷.

Uma pesquisa em construção

Nossa pesquisa encontra-se inevitavelmente em construção. Assim, pretendemos analisar no decorrer da pesquisa as diversas *representações*

¹⁷ O Movimento Hare Krishna vem passando por uma série de transformações nos últimos vinte anos, devido aos novos paradigmas vivenciados pela sociedade secular que afetaram diretamente sua estrutura de funcionamento, impulsionando o Movimento para um momento de auto avaliação e projeção de novos paradigmas. Esta “crise de identidade” vivenciada pela ISKCON foi aprofundada em ADAMI, Vitor H. S. **O pensamento coletivo Hare Krishna e seus modos de Institucionalização: um estudo sobre comunidades globalizadas e identidades sociais.** Tese de Doutorado, Tarragona: Universitat Rovira i Virgili, 2013, pp. 91-109.



construídas sobre o Movimento Hare Krishna em Pernambuco e como estas ajudaram a solidificar determinadas imagens sobre o Movimento, seus membros e suas práticas no Estado.

Para tanto, estamos analisando jornais, como o Diário de Pernambuco (Recife) e o Jornal Vanguarda (Caruaru-PE), além de outros jornais de circulação nacional para uma contextualização com o movimento na escala nacional. Assim, somente na década de 1970, no Jornal Diário de Pernambuco, encontramos 15 reportagens sobre o Movimento Hare Krishna e seus membros e, na década de 1980, até março de 1984, já registramos 18 matérias que tratam diretamente do tema e que confirmam as discussões relatadas anteriormente. Para o período de 1986 a 1996 do Jornal Vanguarda, temos catalogadas 24 reportagens e notas sobre o Movimento em Caruaru.

Também temos acesso ao acervo documental da ISKCON Norte e Nordeste sediada em Caruaru ao qual estamos analisando para termos uma compreensão de como se dava a recepção pelo Movimento das representações coletivas construídas pelos diferentes atores sociais e de que maneiras pretendiam combater essas representações e recriar as suas próprias representações. Além disso, temos realizado entrevistas com membros do Movimento Hare Krishna que vivenciaram o período para analisar de que maneiras as *memórias* sobre o Movimento constroem, pensam ou recriam o passado sobre o Movimento no Estado.

Portanto, pretendemos com esta pesquisa contribuir acerca de uma melhor compreensão sobre os novos movimentos religiosos, especificamente, sobre o Movimento Hare Krishna e de como determinadas *representações* sobre este (e possivelmente diversos outros movimentos) foram sendo construídas com determinados fins pela Imprensa, pelo próprio Movimento Hare Krishna e por outros atores sociais, contribuindo para a construção de determinadas imagens e discursos.



REFERÊNCIAS

ADAMI, Vitor H. S. O pensamento coletivo Hare Krishna e seus modos de Institucionalização: um estudo sobre comunidades globalizadas e identidades sociais. Tese de Doutorado, Tarragona (Espanha): Universitat Rovira i Virgili, 2013.

BRYANT, E.F; EKSTRAND, M. L. (org). The Hare Krishna movement: the postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University Press.

BRZEZINSKI, Jan. Charismatic renewal and institutionalization in the history of Gaudiya Vaishnavism and the Gaudiya Math. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M. L. (org). The Hare Krishna movement: the postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University Press, pp. 73-96.

CAROZZI, Maria Júlia. Tendências no estudo dos novos movimentos religiosos na América: os últimos 20 anos. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais - BIB, v. 37, 1994, p. 61-78.

CARVALHO, Leon A. G. de. Uma movimentação estranha na Capital do Agreste: A história do Movimento Hare Krishna na cidade de Caruaru-PE (1986-2013). Monografia (Especialização em História). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, Caruaru, 2014.

CERTEAU, Michel de. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. A invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Algés: DIFEL, 2002.

CIPRIANI, R; ELETA, P; NESTI, A. (org.). Identidade e mudança na religiosidade latino-americana. Petrópolis: Vozes, 1997.



GUERRIERO, S. O movimento Hare Krishna no Brasil: a comunidade religiosa de Nova Gokula. Dissertação de Mestrado (Ciências Sociais), São Paulo: PUC (SP), 1989.

_____. **O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. Rever, nº 01, 2001, pp. 44-56.**

PARKER, C. Seita: um conceito problemático para o estudo dos novos movimentos religiosos na América Latina. In: CIPRIANI, R; ELETA, P; NESTI, A. (org.). Identidade e mudança na religiosidade latino-americana. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 77-94.

ROCHFORD JR., E. B. Hare Krishna in America. New Brunswick: Rutgers University Press, 1985.

_____. **Hare Krishna Transformed. New York: New York, University Press, 2007.**